

JORNAL DO BRASIL

INFORME ECONÔMICO

■ CRISTIANO ROMERO

Não
Quê
Brasil

Além do risco Brasil

Ninguém nega que a economia brasileira tem problemas sérios, como o elevado déficit público e a forte dependência de financiamento externo, que precisam ser enfrentados para que a estabilização, iniciada há quatro anos, possa ser consolidada. Esses problemas tornam, de fato, o país vulnerável à crise que assola o planeta.

De qualquer forma, o estrago feito pela Moody's, a empresa de classificação de risco que rebaixou o Brasil na semana passada, ajudando a aumentar a desconfiança em relação à saúde financeira do país, não encontra justificativa nos fundamentos da economia brasileira. Há algo de muito estranho no ar.

O economista Octavio Barros, que dirige a Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização Econômica (Sobeet), ficou estupefato com as atitudes da Moody's. Estudioso das contas externas do país, Barros detectou pelo menos duas incorreções graves na conduta daquela agência de *rating*. Primeiro, a empresa contrariou sua própria tradição, ou seja, a de nunca promover abruptamente a reavaliação de risco de um país. "Eles, geralmente, levam 90 dias para confirmar o *rating* do país", diz o diretor da Sobeet.

Além disso, a Moody's reclassificou negativamente o Brasil em meio ao terremoto que vinha abalando outras partes do planeta, como a Ásia e a Rússia. É certo que a crise já havia batido à porta da Venezuela, país vizinho do Brasil. O fato é que, embora geograficamente próximos, as duas nações guardam enorme distância do ponto de vista da realidade econômica.

Como se sabe, a Venezuela está no rol dos países que, devido à queda no preço dos barris de petróleo e à redução da demanda do produto em todo o mundo, estão sofrendo com a redução drástica de suas exportações.